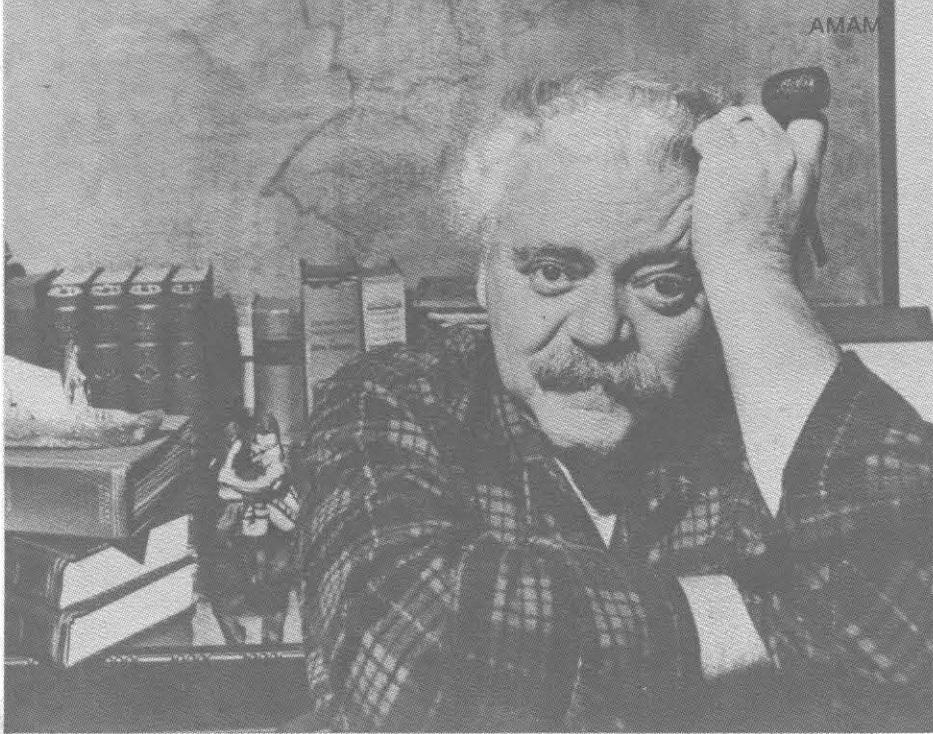


Noel Nutels, índio cor de rosa



Não é de hoje que encontramos estudiosos brasileiros dedicando inteiramente suas vidas ao nosso índio. Embrenhando-se pelas matas distantes, eles enfrentam o desconforto da floresta para aliviar males e garantir a existência livre e natural a que todo indígena tem direito. Alguns deles se destacaram tanto nesse trabalho, que seus nomes já passaram para a história, como verdadeiros heróis: general Rondon, Darcy Ribeiro, irmãos Villas Boas... Outros, porém, permaneceram no anonimato, não importando o tamanho ou importância de sua obra. É o caso, por exemplo, de Noel Nutels, um judeu-russo que chegou ao Brasil com nove anos de idade, mas que fez mais pelo nosso índio do que muito brasileiro puro sangue.

Orígenes Lessa, ex-redator de propaganda de muito respeito e escritor de sucesso, premiado várias vezes pelos seus contos, romances, ensaios, reportagens e histórias infanto-juvenis, pesquisou e estudou profundamente a vida desse injustiçado brasileiro de adoção e a narrou em livro saborosíssimo, que chamou de "O índio cor de rosa — uma evocação de Noel Nutels".

Noel Nutels era filho de Bertha e Salomão Nutels e chegou a Recife em agosto de 1922. Vinha de Ananiev (Ucrânia) para conhecer o pai, que para aqui se mudara, antes mesmo do filho nascer. Viveu os primeiros anos em São José da Lage (PE), para depois ser interno no Colégio dos Padres de Garanhuns. Muda-se daí para Recife, onde faz os preparatórios e a Faculdade de Medicina. Apesar de ser aluno exemplar, Noel não dispensa a companhia dos jovens do Direito e da Medicina, que viviam a vida intensamente, voltados para a música, artes plásticas e literatura. Lourenço da Fonseca Barbosa (Capiba), Ascenso Ferreira, Rubem Braga, irmãos

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. F2D00007

O SUSA — Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas era um verdadeiro hospital ambulante, não importando as precárias condições de trabalho. Sempre com a colaboração da FAB, Noel assumia pessoalmente uma dívida, que não era dele, mas de todo o país...

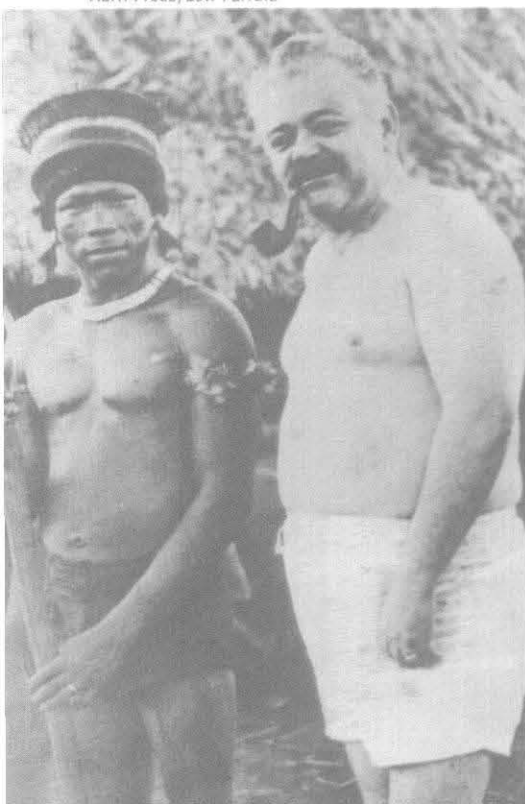


Augusto Rodrigues 1973



Percorrendo as mais extensas áreas, de miséria alarmante, onde viviam não apenas os índios, mas sertanejos que jamais tinham recebido uma simples vacina contra varíola, Noel era sempre recebido festivamente como um verdadeiro herói nacional.

Abril Press/Lew Parrela



Suassuna (Saulo, João e Lucas), Luís Canto e Arino Barreto foram alguns deles. Fundam o Jazz Band Acadêmica, levando o frevo, o maxixe e o maracatu até a cidade do Rio de Janeiro, cujo povo sai para cantar com eles nas ruas.

Com a morte do pai, Noel Nutels muda-se para o Rio de Janeiro, onde, a 8 de maio de 1938, é naturalizado brasileiro, por decreto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas. Aproxima-se do grupo "Diretrizes" — Jorge Amado, Marques Rebelo, Aurélio Buarque de Hollanda, Joel Silveira, Paulo Silveira, Eneida — com o qual mantém convívio diário, além da oportunidade de ser apresentado a outros grandes nomes da literatura.

Seu primeiro emprego é como médico do Instituto Experimental Agrícola, de Botucatu (SP), onde cresceram os irmãos Villas Boas, cujas presenças foram marcantes em sua vida e vocação. Volta, depois, para o Rio, indo trabalhar nas obras de saneamento da Baixada Fluminense, na altura da Universidade Rural, km 47. Encontra-se com o ministro João Alberto Lins de Barros que, depois de conseguir

carta branca de Vargas para criar a Fundação Brasil Central, espera poder desbravar e recuperar o sertão. O ministro, que arregimentava uma equipe especial para este trabalho, acha que Noel é a pessoa ideal para combater a malária, o grande inimigo do sertão de Goiás.

Noel, já casado com sua prima Elisa, vai então para São Paulo e daí se embrenha no sertão de Goiás, onde seu temperamento boêmio se adapta perfeitamente a uma nova vida, intensa e cheia de desafios. Noel e a mulher passam dois anos em Rio Verde e outros dois em Santa Helena: ele, como clínico geral, ela, como enfermeira (depois de alguns cursos de especialização).

Primeiros desafios

A malária os espera nos charcos, pantanais e águas paradas. Independente do homem que chega ou que sai. É mal de tocaia. No sertão e no mundo todo. Não é como a tuberculose, mal adventício, pelo menos para o habitante legítimo da selva, seu dono de muitos séculos. Vem na companhia do desbravador. É companheira das injustiças e incompreensões dos que estão chegando.

Corria o ano de 1949 e o ministro João Alberto nomeia Noel médico da expedição Roncador-Xingu, então confiada aos irmãos Villas Boas. Aí, não se limita apenas ao campo da malária. Passa a cuidar também da tuberculose, que considera a mais grave de todas as calamidades, pois era muito fácil ao índio despreparado apañar a febre, a tosse, a cuspida sanguinolenta. Para eles, o espirro era mais perigoso que uma arma de fogo.

Para aceitar o cargo de médico do Serviço Nacional de Tuberculose, sem prejuízo para o Ministério da Agricultura (Roncador-Xingu), Noel vai ao Rio fazer um curso de especialização. Passa a viver de um lado para outro, sem pouso fixo, preocupado com a manutenção dos parques já existentes e, principalmente, com a criação do parque Xingu. Reúne-se com outros interessados — os Villas Boas, Darcy Ribeiro, Heloisa Alberto Torres, José Maria da Gama Malcher e o general Rondon — e vão falar com o presidente Vargas. Tudo inútil. O parque só seria criado mesmo no governo Jânio Quadros.

Na Campanha Contra a Tuberculose, Noel torna-se conhecido e respeitado em todo o território nacional como verdadeiro herói. Vai ao Rio falar com o ministro da Saúde de Juscelino Kubitschek, Maurício de Medeiros, e participa da criação do SUSA — Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas. O projeto é mostrado ao presidente e consegue logo muitas adesões, inclusive da Aeronáutica, que coloca seus gigantes da época (1956), os Douglas C-7, à disposição do SUSA.

O SUSA era, basicamente, profilaxia e educação. Um verdadeiro hospital ambulante, não importando as precárias condições de trabalho. Seus serviços, sempre gratuitos.

1956, com destino a Goiás, Mato Grosso e Pará, percorrendo áreas de miséria alarmante, onde vivem não apenas os índios, mas sertanejos que jamais tinham recebido uma simples vacina contra varíola. Aquela primeira experiência agrada plenamente o ministro da Saúde. Novas Unidades são criadas, para atender várias regiões simultaneamente. A dificuldade maior é a desconfiança do sertanejo, que não acredita no que lhe oferecem. Para apregoar que realmente era tudo de graça, Noel apela para todos os meios de comunicação: rádio, alto-falante, faixas, jornais...

Violeiros e trovadores

No segundo semestre de 1956, a programação é Norte e Nordeste. Noel resolve ser mais prático. Sabe que as grandes romarias de tradições populares, em busca de curas ou milagres, são fabulosas concentrações humanas, um campo totalmente aberto a novos contágios. Contrata um grupo de cantadores, chefiados por Siqueira Amorim, e, ao som do violão, convoca este povo para vacinas, injeções e botiçào. No Brasil, é um fato inédito em matéria de educação médica e sanitária. Sucesso em Bom Jesus da Lapa, Paulo Afonso, Feira de Fortaleza e em todo o interior. Para o Cirio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, contrata dois grandes repentistas, Evaristo e Fonseca, sempre com o mesmo êxito, deixando o presidente Juscelino radiante e cheio de otimismo com as perspectivas do próximo ano.

A primeira viagem de 1957 é para o Território de Rondônia. De Porto Velho, sua capital, visitam 15 cidades e povoados da mais extrema pobreza, que não dispunham sequer de uma geladeira para oferecer à Unidade. Chegam à Bolívia e vão, depois, a Brasília fazer os primeiros levantamentos sanitários da capital em construção. Voltam, pela segunda vez, a Bom Jesus da Lapa e Paulo Afonso e vão ainda a Caiapônia, Goiás, e norte do Estado do Rio, este tão pobre como qualquer Estado do Norte do Brasil.

Em meados de 57, aparece a gripe asiática e Noel atende à convocação, pensando nos índios. Em 58, vem a seca e o SUSA é convocado novamente, transportando até viveres. Com a construção da Belém-Brasília, Noel é chamado para colaborar como médico.

Noel, que já usara repentistas e violeiros para atrair os sertanejos das romarias, pensa numa nova técnica para motivá-los. Por se considerar ele próprio um nordestino, conhecia muito bem o seu povo, maciçamente analfabeto. Também conhecia como ninguém o fascínio que os trovadores incultos exerciam sobre eles. Por isso, resolve usar a literatura de cordel, com folhetins populares, escritos também por gente quase analfabeta. Tais folhetins eram vendidos aos milhares e faziam inveja a muito autor importante. Vai, então, a Recife e contrata João José, um dos

maiores trovadores da região. Depois de aprender todos os ensinamentos sobre a doença mortal, João José escreve "A fera invisível, ou, O triste fim de uma trapezista que sofria do pulmão" que, como afirma mais tarde Noel, fez muito mais pela campanha contra a tuberculose do que todos os seus médicos e alto-falantes. Chegou, inclusive, a ser vertida para o inglês e publicada no "Medical Tribune".

Com Jânio Quadros é, afinal, criado o Parque Nacional do Xingu, primeira grande conquista do índio em nossa história, última esperança de preservação do índio brasileiro e de sua cultura. São 22.000 quilômetros quadrados, localizados no esplendor da floresta amazônica, com árvores, animais, insetos nativos e até doenças que só eles tinham.

No governo Goulart, Noel recebe do ministro da Agricultura, Oswaldo Lima Júnior, uma quase intimação para ocupar o posto de diretor do Serviço de Proteção ao Índio. Assume o cargo, sem abrir mão do SUSA. Seus problemas maiores passam a ser os grileiros e aventureiros e os "bandeiriolantes" (bandoleiros e bandeirantes), que mandavam matar os índios para se apossar de suas terras. Com a queda de Jango, em 63, Noel se exonera do SPI, cansado de lutar contra os interesses nem sempre confessáveis daqueles que se voltavam contra os seus ideais. E o próprio SPI não resiste por muito tempo, dando lugar à Fundação Nacional do Índio, à qual também se liga Noel, para continuar seu trabalho contra a fome e a tuberculose que ainda assolam o índio.

Noel não se omite nunca. Faz conferências em universidades, hospitais, museus,

no País e no estrangeiro. Participa de congressos, viaja muito para qualquer lugar onde possa defender o seu índio.

Em fins de 68, Noel, que já tinha um só rim desde 1954, começa a demonstrar sintomas iguais aos que antecederam sua operação daquele ano. Afinal, consente em procurar um médico. É marcada a operação para julho de 69, mas passam-se os anos de 70 e 71, sem que ele jamais tenha aparecido no consultório, sempre ocupado com os índios. Só volta a procurar o médico em dezembro de 71 e, em fevereiro de 72, embarca para Huston, no Texas, para ser examinado em um dos maiores hospitais contra o câncer. Confirmado o que todo o mundo sabia, Noel resolve abandonar tudo e voltar, dizendo que queria morrer no Brasil. É operado na Clínica Sorocaba, do Rio, e, dois meses mais tarde, está novamente em franca atividade. Mas é por pouco tempo. Logo começa a sair menos, até não mais sair.

Num sábado à noite, 10 de fevereiro de 1973, deixava seus amigos aquele judeu sardento e de cabelos de fogo que "mesmo sem ter uma gota sequer de sangue brasileiro, foi brasileiro por amor, única e exclusivamente. Não houve para ele outra terra, outra gente — sua fala, sua música, seu céu, suas alegrias, suas mazelas e a floresta, o índio, o mundo obscuro, a batalha contra a doença e a morte de um povo" (Jorge Amado).

Sobre Noel Nutels — o judeu-brasileiro, o irmão dos índios, o índio cor de rosa, o sertanista herói e santo, mas que, muito mais do que isto, foi principalmente gente, Carlos Drummond de Andrade escreveu:

NOEL NUTELS, CHEFE DA TRIBO HUMANA

*Valeu, Noel, a pena
 seguir a traça de Rondon
 e de Nimuendaju,
 mãos dadas com Orlando e Cláudio Villas Boas
 sob o olhar de Darcy Ribeiro
 e voar e baixar e assistir e prover
 e alertar e verberar
 para que fique ao menos no espaço
 este signo de amor compreensivo e ardente
 que foi a tua vida sertaneja,
 a tua vida iluminada,
 e tua generosa decepção.*

